



**CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA – UnICEUB
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO E DA SAÚDE – FACES
PROGRAMA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA**

JULIANA SOARES GUIMARÃES

**ESCOLA DE PAIS – TREINAMENTO DE PRÁTICAS EDUCATIVAS
PARENTAIS PARA A PRIMEIRA INFÂNCIA**

**BRASÍLIA-DF
2016**



JULIANA SOARES GUIMARÃES

**ESCOLA DE PAIS – TREINAMENTO DE PRÁTICAS EDUCATIVAS
PARENTAIS PARA A PRIMEIRA INFÂNCIA**

Relatório final de pesquisa de Iniciação Científica
apresentado à Assessoria de Pós-Graduação e
Pesquisa pela Faculdade de Ciências da
Educação e da Saúde – FACES.

Orientação: Profa. Dra. Michela Rodrigues
Ribeiro

**BRASÍLIA-DF
2016**

RESUMO

Os estudos de prevenção a problemas de comportamento da infância e adolescência têm evidenciado a efetividade de grupos de orientação a pais em relação às práticas educativas positivas. Tais práticas se referem a um conjunto de habilidades sociais parentais que podem ser desenvolvidas e/ou ampliadas no repertório dos pais a partir de treinamentos em grupos psicoeducativos, como por exemplo, a monitoria positiva do comportamento da criança, a definição de regras e limites, a expressão de sentimentos e opiniões, a utilização de estratégias alternativas de disciplina para evitar a punição física, entre outras. O projeto Escola de Pais tem sido realizado no UniCEUB-Brasília-DF, desde 2012, com resultados positivos no treinamento de práticas educativas positivas em pais e/ou cuidadores de crianças de 6 a 12 anos. O presente projeto visou a ampliação da proposta da Escola de Pais, oferecendo grupos psicoeducativos de orientação a pais e/ou cuidadores de crianças de 0 a 5 anos. Participaram do estudo quatro mães de crianças de 0 a 5 anos, alfabetizadas, que concordaram e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. As participantes tinham idades entre 32 e 40 anos, e todas possuíam 3º grau completo. O procedimento de intervenção foi realizado no CENFOR-Psicologia do UniCEUB, em salas de atendimento psicológico compostas por mesas, cadeiras, quadro branco e equipamento multimídia. A intervenção foi dividida em três etapas: (a) avaliação pré-intervenção (com o Inventário de Estilos Parentais – IEP; Entrevista de Habilidades Sociais Educativas Parentais e Inventário de Ansiedade Beck – BAI); (b) 13 sessões de intervenção em grupo psicoeducativo para o treinamento de práticas educativas positivas; (c) avaliação pós-intervenção (com os mesmos inventários da primeira avaliação). Os resultados obtidos a partir dos inventários indicaram pouca mudança de comportamento nas medidas de ansiedade e não correspondência aos desempenhos de estilos parentais observados durante a intervenção. Em relação à ansiedade, houve variabilidade entre as participantes, observando-se níveis de mínimo a moderado, sendo que para três delas houve manutenção do nível entre as duas avaliações. Em relação aos estilos parentais, as participantes apresentaram classificação ótima na avaliação pós-intervenção, sendo que três delas saíram da classificação regular. Os relatos apresentados pelas participantes no decorrer das sessões indicaram modificações na utilização de práticas parentais positivas, como por exemplo, maior abertura para o diálogo e substituição da punição física por outras estratégias. Foram relatadas também, mudanças nos comportamentos das crianças, em termos de aumento da expressão de sentimentos e diminuição da agressividade, por exemplo. Contudo, tais mudanças não são suficientemente correspondentes com desempenhos ótimos de estilos parentais. Discute-se a adequação do instrumento para crianças de idades entre 0 e 5 anos e a possibilidade de manipulação de relato das participantes ao responderem um inventário de autoavaliação. Outra discussão importante diz respeito à necessidade de um maior número de sessões em próximas aplicações do programa de intervenção, tendo em vista que crianças dessa faixa etária parecem necessitar de

mais tempo para a modelagem de seus comportamentos, como uso do toalete e alimentar-se de forma independente.

Palavras-chave: grupo psicoeducativo; práticas educativas parentais; primeira infância

SUMÁRIO

Introdução	5
1. Tema/Objeto/Problema de Pesquisa	5
2. Justificativa	5
3. Objetivos	6
Desenvolvimento	7
4. Fundamentação Teórica	7
5. Metodologia	10
5.1 Participantes	10
5.2 Local	11
5.3 Materiais	11
5.4 Procedimento	12
5.5 Resultados e Discussão	12
6. Considerações Finais	23
7. Referências	23

INTRODUÇÃO

1. TEMA/OBJETO/PROBLEMA DE PESQUISA

Os primeiros anos na educação de um indivíduo podem exigir muita dedicação por parte dos responsáveis. O nível de dependência da criança é bastante alto nos primeiros anos de vida, fazendo com que muitas práticas educativas dos pais girem em torno do ensino de atividades que desenvolvam a autonomia da criança. Tais práticas educativas são estratégias que os pais utilizam para orientar os comportamentos dos filhos (GOMIDE, 2004). Como os primeiros anos de vida são repletos de mudanças constantes e significativas, fazem-se necessárias mudanças nas práticas educativas que acompanhem o crescimento e as novas demandas que surgem com o desenvolvimento das crianças, uma vez que as práticas antigas tendem a não ser mais aplicáveis (MARIN, 2009).

A falta de cuidado e a falta de atenção à aprendizagem de habilidades necessárias da criança podem acarretar em problemas de comportamentos: dificuldades de sono, práticas alimentares inadequadas, dificuldade de socialização, dependência excessiva, irritação, dificuldades de aprendizagem na escola, transtornos de ansiedade, entre outros. A falta de preparo de alguns pais para lidar com a aprendizagem dos filhos pode-se caracterizar como um fator de risco, o que poderia contribuir para o surgimento de problemas posteriores (COELHO & MURTA, 2007).

Diante da necessidade de adaptação às mudanças constantes nos anos iniciais da infância, a oportunidade de participar de grupos de orientação, que permitam trocas de experiências entre pais e treinamentos específicos de estratégias educativas, o presente projeto insere-se nesse contexto, oferecendo tais possibilidades. Este projeto faz parte de um projeto mais amplo denominado Escola de Pais, que tem sido realizado no UniCEUB desde 2012, com foco para demandas relativas a crianças de 6 a 12 anos e com o principal propósito de implementar grupos de orientação a pais, de modo a aumentar fatores de proteção e diminuir fatores de risco, prevenindo problemas de comportamento das crianças e famílias.

2. JUSTIFICATIVA

A fim de esclarecer dúvidas e minimizar ansiedades provenientes das

condições que se apresentam na tarefa de educar uma criança, grupos de orientação a pais podem funcionar como uma estratégia de intervenção preventiva. No entanto, além disso, o trabalho com os pais ou cuidadores de crianças está fundamentado na possibilidade de mudanças comportamentais favoráveis ao desenvolvimento de habilidades parentais (COELHO & MURTA, 2007).

Hoje a literatura apresenta muitos trabalhos sobre grupos de orientação a pais (BOLSONI-SILVA, 2007; COELHO & MURTA, 2007; PINHEIRO et al, 2006), porém é possível constatar uma carência de trabalhos em grupo que tratem de temas específicos de bebês e crianças pequenas. Por isso, o trabalho proposto por este projeto pretende oferecer dados que possam colaborar no estudo de orientação a pais de bebês e crianças em idade pré-escolar, o que poderíamos denominar de primeira infância. Tal estudo pode se somar a outros trabalhos já realizados na área, permitindo maior abrangência de análise no cenário de educação dos filhos.

3. OBJETIVOS

3.1. Objetivo Geral

O presente projeto de pesquisa tem como objetivo geral planejar e aplicar um programa de treinamento de práticas educativas a pais, em formato de grupo psicoeducativo, sobre educação e cuidados de bebês e crianças pré-escolares, de 0 a 5 anos de idade.

3.2. Objetivos Específicos

- Avaliar as práticas educativas, a interação familiar e estilos parentais das famílias participantes, antes e após a aplicação de sessões de treinamento sobre aspectos relacionados à educação de bebês e crianças.
- Realizar sessões de treinamento para pais utilizando os conceitos de Princípios da Aprendizagem, os quais incluem definição de interação, definição de comportamentos adequados e inadequados, definição de ambiente, pais como ambiente social da criança, regras, reforçamento, punição e extinção de comportamentos.
- Realizar sessões de treinamento para pais enfocando temas como treino ao toalete, banho e higiene pessoal, aquisição de linguagem, socialização, experiência inicial em creches e escolas, alimentação,

dificuldades no sono, entre outros.

DESENVOLVIMENTO

4. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Diversos estudos apontam para a relação das habilidades sociais educativas e práticas educativas parentais com o desenvolvimento de repertório comportamental dos filhos (BOLSONI-SILVA & MATURANO, 2008; LEME, BOLSONI-SILVA & CARRARA, 2009; PINHEIRO et al, 2006). Fundamentados nessa premissa, grupos de orientação a pais podem servir como práticas de intervenção que visam desenvolver habilidades sociais educativas dos pais, melhorando a qualidade de suas práticas educativas.

O conceito de habilidades sociais educativas (HSE) pode ser compreendido como “aquelas intencionalmente voltadas para a promoção do desenvolvimento e aprendizagem do outro, em situação formal ou informal” (DEL PRETTE & DEL PRETTE, 2001, p. 95). Pais considerados despreparados possuem, na verdade, poucas habilidades sociais educativas, o que pode se refletir em dificuldades como práticas educativas sem efetividade e falta de planejamento (DEL PRETTE & DEL PRETTE, 2008). Essa carência de habilidades sociais pode levar a práticas educativas negativas, tendo como características a falta de atenção e de afeto, negligência, relaxamento de regras e punições inconsistentes (BOLSONI-SILVA, 2011).

Quanto ao conceito de práticas educativas, este pode ser compreendido pelos comportamentos emitidos pelos pais em relação aos filhos com o intuito de educar, instruir ou controlar comportamentos. São exemplos de práticas positivas o interesse pelas atividades e desejos da criança, o acompanhamento das atividades diárias relacionadas a estudo, relacionamento interpessoal, alimentação, sono, medos, etc., o modelo moral oferecido pelos pais, entre outros. Tais práticas podem ser influenciadas por diversos fatores como idade, níveis socioeconômicos e de escolaridade dos pais, crenças sobre disciplina, depressão parental, entre outros (ROCHA, 2003).

Para um trabalho que visa desenvolver as habilidades e práticas educativas dos pais é importante que também se leve em consideração as habilidades que

devem ser desenvolvidas na criança. Para isso, deve-se levar em conta a natureza do desenvolvimento infantil, que se caracteriza por mudanças evolutivas rápidas e, muitas vezes, irregulares (MARSH & GRAHAM, 2005). Sendo assim, programas de treinamento podem ajudar os pais na melhoria da aplicação de suas práticas educativas. Apoiadas em Marinho (2005), Coelho e Murta (2007) sustentam que a falta de habilidades parentais pode ser responsável por problemas de comportamento dos filhos, e que é nessa premissa que os trabalhos com os pais se fundamentam e se justificam.

É possível citar como exemplo o trabalho de Pinheiro e outros (2006) em que foram apresentados os resultados de um programa realizado com 32 mães e dois pais de crianças com idade média de 8 anos. O programa foi aplicado em 11 sessões semanais, divididas em 9 passos organizados em temáticas como “Por que as crianças se comportam mal”, “Prestando atenção no comportamento de seguir instrução”, “Desenvolvendo a capacidade de se expressar”, entre outros. Todo o programa teve como base os princípios de aprendizagem da Análise do Comportamento. Por meio de questionários de autorrelato e entrevistas, foram feitas avaliações pré e pós-intervenção e os resultados obtidos indicaram diminuição na ocorrência de comportamentos considerados inadequados pelos pais. Com os resultados obtidos, os pesquisadores puderam concluir que o treino de habilidades sociais educativas pode contribuir para que os pais desenvolvam práticas disciplinares não-coercitivas (PINHEIRO et al, 2006).

Em outro trabalho de Coelho e Murta (2007), as pesquisadoras buscaram avaliar os efeitos do “treinamento de pais em grupo sobre o desenvolvimento de práticas educativas parentais positivas, habilidades sociais educativas e enfrentamento a estressores externos” (COELHO & MURTA, 2007, p. 335). Foram realizadas 20 sessões semanais, com 90 minutos de duração e as participantes foram cinco mães e dois pais, sem especificação de idade das crianças. De modo concomitante, um programa de treinamento em habilidades sociais para os filhos, baseado em referenciais cognitivo-comportamentais, também foi realizado. O programa foi dividido em quatro fases (Inicial, Intermediária, Intermediária II e Final), ao longo das quais as pesquisadoras utilizaram técnicas como o relaxamento, a modelação de comportamentos, o ensaio comportamental e desenhos. A avaliação dos resultados feita por meio de entrevistas e *checklist* indicou um aumento na frequência das práticas educativas positivas, um desenvolvimento de habilidades

sociais educativas e um desenvolvimento habilidades para o enfrentamento de situações estressoras pelos participantes. Os pais também perceberam mudanças positivas em seus próprios comportamentos e uma mudança positiva no comportamento dos filhos. As autoras concluíram que o treinamento de pais, além de alterar a qualidade das relações pai-filho, tem influência também sobre o comportamento da criança.

Resultados positivos também foram encontrados por Bolsoni-Silva e outros (2008), que realizaram um estudo a fim de descrever os efeitos de um programa de intervenção com pais, comparando as avaliações pré-teste e pós-teste. Participaram da pesquisa sete mães e dois pais, que foram divididos em dois grupos e cujos filhos variaram a idade entre dois e vinte e oito anos. Para levantamento de dados pré e pós-teste, foi utilizado o Questionário de habilidades sociais educativas parentais, Inventário de habilidades sociais e uma entrevista estruturada. A intervenção teve um total de 30 sessões, sendo oito delas de avaliação pré e pós-teste. As avaliações iniciais ofereceram informações para a definição das intervenções e o estabelecimento de objetivos para cada participante. As autoras concluíram que o programa foi efetivo para a promoção e aquisição de algumas habilidades sociais educativas abordadas pelas sessões, como por exemplo: expressar sentimento positivo, manter conversação, evitar o uso de práticas punitivas, entre outros. Apontando através disso uma melhora não apenas em quantidade, mas também na qualidade da interação pais-filhos e com outras pessoas de sua convivência.

Assim como nos três estudos citados, a literatura atual também apresenta uma carência de dados que se refiram a grupos de orientação a pais de crianças nos anos iniciais da infância. Apesar dessa carência na literatura acadêmica, é comum encontrarmos na literatura leiga diversos livros que sugerem estratégias para os anos iniciais dos filhos. Obras como “Crianças de 1 a 3 anos: manual do proprietário” (KHUN & BORGENICHT, 2007) e “Crianças francesas não fazem manha” (DRUCKERMAN, 2013), são exemplos de obras da literatura leiga baseadas em pouco conhecimento psicológico e que são campeãs de vendas, indicando uma necessidade de orientação desses pais de crianças dessa faixa etária.

Ademais, também é possível encontrar na literatura leiga, trabalhos que visam orientar estratégias para crianças nos anos iniciais e que, apesar da linguagem leiga, são embasados em estudos e experiência profissional, a exemplo do livro “O

método Kazdin: Como educar crianças difíceis” (KAZDIN, 2010). Neste trabalho o autor procura ensinar os pais a, entre outras coisas, fazerem descrição operacional de comportamentos e a usarem reforçamento positivo para os comportamentos desejados, por meio de quadro de pontos. Para exemplificar o uso dessas estratégias, o autor descreve possibilidade de treinos para que a criança consiga usar o banheiro sozinha ou conter acessos de raiva.

A existência de vasta literatura leiga sobre o tema indica interesse dos pais em obter informações para a educação dos filhos. Sendo assim, grupos de orientação que atuem nesse contexto, fundamentada em pesquisa empírica com validade, que ofereça aprendizagem real de estratégias educativas positivas, poderão contribuir para a ampliação de fatores de proteção e melhor desenvolvimento das crianças.

5. METODOLOGIA

5.1. Participantes

Participaram da pesquisa quatro mães de crianças com idade entre 0 e 5 anos. As mães foram recrutadas por meio de cartazes no CENFOR (Centro de Formação de Psicólogos do UniCEUB) e em escolas e creches de Brasília-DF. Durante a divulgação foram convidados interessados em participar de um grupo de orientação a pais sobre práticas educativas de crianças com idade entre 0 a 5 anos. Foram critérios de inclusão das participantes da pesquisa: (a) ser pai, mãe ou cuidador de criança com idade entre 0 e 5 anos; (b) ser maior de 18 anos; (c) ser alfabetizado; (d) concordar e assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Tabela 1 – Dados demográficos das cuidadoras.

Participante	Grau de Parentesco	Idade	Grau de Instrução	Estado Civil	Profissão	Idade da criança
DN	mãe	40	3º grau completo	casada	Servidora pública	2
FS	mãe	33	3º grau completo	casada	Contadora	2
LL	mãe	32	3º grau completo	viúva	Bacharel em direito	4
TS	mãe	33	3º grau completo	casada	Servidora pública	2 e 5

5.2. Local/Instrumentos/Materiais

Para a realização das sessões de treinamento foram utilizados diversos recursos, tais como:

- Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (anexo A) informando os objetivos do grupo, os direitos das participantes, os benefícios e os riscos inerentes à participação, os contatos dos colaboradores, e a duração das atividades;
- Escalas e testes psicológicos para aplicação de avaliação pré e pós-intervenção no grupo psicoeducativo, sendo eles: Inventário de Estilos Parentais – IEP (GOMIDE, 2006), Entrevista de Habilidades Sociais Educativas Parentais - HSE-P (BOLSONI-SILVA, 2003 – Anexo B) e Inventário de Ansiedade Beck – BAI (BECK, 1988).
- Uma sala para atendimento em grupo, ampla e iluminada, equipada com recursos multimídia e audiovisual e cadeiras para todas as participantes;
- Material de papelaria como resmas de papel A4, canetas, lápis de cor, tintas, cartolinas coloridas, tesouras, borrachas, colas, entre outros;
- Vídeos e/ou filmes relacionados aos temas tratados nas sessões;
- Câmera de vídeo para captura de som e imagem que será utilizada para a filmagem das sessões, gravador de áudio e pen drive para armazenamento dos arquivos das sessões;
- Protocolos de registros dos comportamentos dos componentes que serão foco de treinamento de cada sessão;

5.3. Procedimento

O projeto foi realizado em três momentos: (a) avaliação de estilos parentais e

de práticas educativas dos pais em relação aos filhos, antes da intervenção em grupo psicoeducativo; (b) realização de sessões do grupo psicoeducativo para pais, com treinamento visando desenvolver habilidades específicas nas crianças; e (c) avaliação de estilos parentais e de práticas educativas dos pais em relação aos filhos, após a intervenção em grupo psicoeducativo. A elaboração das sessões e do material audiovisual (slides e/ou filmes) e impresso para aplicação e distribuição em cada sessão;

Foram realizadas sessões semanais durante o período de 15 semanas, com duração de duas horas. A Tabela 2 apresenta o cronograma das sessões, bem como seus objetivos, procedimentos e tarefas de casa. Conforme pode-se observar na Tabela 2, as sessões iniciais ocorreram por mais de uma vez, dado o número insuficiente de participantes e a necessidade de um grupo maior para a realização da pesquisa. No total, iniciaram 11 participantes que, por motivos diversos, foram se desligando do grupo até que permaneceram as 4 mães citadas neste relatório. Os motivos foram... Cada sessão foi iniciada com a apresentação do planejamento. Em seguida, era discutido o tema proposto para o dia, com o auxílio de recursos audiovisuais como filmes e/ou slides, além de debates sobre o tema com as participantes. Também foram propostas tarefas de casa às participantes, com o objetivo de aplicação dos conhecimentos e treinamento das habilidades a serem desenvolvidas e que foram propostas na sessão. Cada tarefa de casa foi objeto de discussão na sessão seguinte.

Os temas abordados em cada sessão foram definidos a partir do contato dos pesquisadores com as demandas trazidas pelos pais, portanto, as sessões foram construídas e definidas de acordo com o andamento do grupo. Houve, porém, uma proposta inicial de alguns temas a serem trabalhados: treino de observação e discriminação de comportamentos adequados e inadequados, orientação sobre como consequenciar diferencialmente comportamentos adequados e inadequados, orientações sobre como lidar com dificuldades em relação ao desenvolvimento motor e da fala, com problemas de sono e hora de dormir, problemas alimentares e hora das refeições, dificuldades em relação ao treino ao toalete, socialização e início da escolarização. A partir dessa proposta inicial, as sessões, descritas na Tabela 2, foram definidas a cada semana em função das demandas trazidas pelas mães participantes do grupo.

Tabela 2 – Descrição de objetivos, procedimentos e tarefas de casa das sessões.

Sessão	Objetivos da Sessão	Procedimentos	Tarefa para casa
1 (03/11/15; 10/11/15; 23/02/16 e 24/02/16)	<ul style="list-style-type: none"> • Apresentação do trabalho ao grupo. • Avaliação inicial e levantamento de queixas. 	<ul style="list-style-type: none"> • Apresentação da facilitadora e participantes; • Explicação do programa; • Levantamento de queixas e dificuldades com as crianças. • Esclarecimento do Termo de Consentimento. • Aplicação dos inventários. 	Lista de comportamentos adequados e inadequados
2 (17/11/15; 23/02/16 e 24/02/16)	<ul style="list-style-type: none"> • Discussão sobre comportamento adequado e inadequado. 	<ul style="list-style-type: none"> • Discussão sobre comportamentos adequados e inadequados e quais são suas diferenças. • Discussão sobre comportamentos adequados e inadequados observados nos filhos. 	Observar e registrar em uma lista a ocorrência de comportamentos adequados e inadequados realizados pelos seus filhos na semana e o contexto no qual ocorreram.
3 (24/11/15 e 26/02/16)	<ul style="list-style-type: none"> • Tomar consciência dos comportamentos adequados e inadequados pelos filhos. • Discussão sobre consequências. 	<ul style="list-style-type: none"> • Apresentação e discussão da tarefa de casa sobre os comportamentos dos filhos, classificados em adequados ou inadequados. • Cada participante relatará sua semana por um determinado tempo. • Discussão da ideia de Interação, para explicar os motivos de certos comportamentos das crianças e ficarem atentos às suas relações com seus filhos. • Apresentação de vídeo relativo ao tema. 	Realizar uma análise funcional com uma tabela em que constará a situação que ocorreu o comportamento inadequado, o que a criança fez e o que o pai fez diante da situação.
4 (01/12/15 e 26/02/16)	<ul style="list-style-type: none"> • Discussão sobre relacionamento entre cuidadores 	<ul style="list-style-type: none"> • Apresentação e discussão da tarefa de casa sobre a análise funcional de comportamentos inadequados. • Discussão sobre como tem se dado a relação com outros cuidadores da criança. • Refletir sobre a importância dos acordos e o que pode ser feito para melhorar tal relação. 	Leitura de capítulos do livro “Pais presentes pais ausentes”: Importância das regras; monitoria positiva ; supervisão estressante e punição física. (GOMIDE, 2004)

5 (01/03/16)	<ul style="list-style-type: none"> • Discussão sobre importância das regras, monitoria positiva e supervisão estressante. 	<ul style="list-style-type: none"> • Discussão dos capítulos do livro "Pais Presentes, Pais Ausentes". (GOMIDE, 2004) 	Escrever regras cotidianas que a criança deve seguir e, em casa, marcar se ocorreu monitoria positiva ou supervisão estressante em relação ao cumprimento dessa regra durante a semana.
6 (08/03/16)	<ul style="list-style-type: none"> • Tomar consciência dos comportamentos adequados dos seus filhos. • Entender a importância do reforço. 	<ul style="list-style-type: none"> • Discussão da tarefa de casa sobre monitoria positiva ou supervisão estressante. • Discussão sobre o que é reforço e sua importância nas relações interpessoais. • Discussão das formas de se reforçar um comportamento. 	Reforçar e registrar comportamentos adequados (2 ou 3) emitidos pela criança durante a semana.
7 (15/03/16)	<ul style="list-style-type: none"> • Discutir e orientar sobre dificuldades no reforçamento. 	<ul style="list-style-type: none"> • Discussão da tarefa de casa sobre reforçamento de comportamentos adequados. • Discussão de dificuldades encontradas para reforçar os comportamentos. • Orientação sobre comportamentos parentais que não devem ocorrer ao reforçar. • Apresentação de vídeos relativos ao tema. 	Registrar e reforçar comportamentos adequados emitidos pela criança durante a semana.
8 (22/03/16)	<ul style="list-style-type: none"> • Discutir sobre punição. 	<ul style="list-style-type: none"> • Discussão da tarefa de casa sobre reforço de comportamentos adequados. • Discutir sobre o termo punição e situações nas quais deve ser utilizada. 	Escolherem dois comportamentos inadequados e punirem durante a semana e registrar.
9 (29/03/16)	<ul style="list-style-type: none"> • Discutir sobre punição. 	<ul style="list-style-type: none"> • Discutir a tarefa de casa sobre punição de comportamentos durante a semana. • Orientação sobre como avaliar as maneiras mais adequadas para se aplicar uma punição. • Apresentar vídeos sobre o tema. 	Descrever situações que usaram punição e avaliar como a criança reagiu.
10 (12/04/16)	<ul style="list-style-type: none"> • Aprendizagem e temas de demanda das participantes. 	<ul style="list-style-type: none"> • Discutir a tarefa de casa sobre ameaças e castigos durante a semana. • Orientação sobre chupeta, equipamentos 	Descrever situações de aproximações sucessivas do

		eletrônicos, desfralde e comer sozinho.	comportamento.
11 (19/04/16)	<ul style="list-style-type: none"> • Extinção 	<ul style="list-style-type: none"> • Discussão da tarefa de casa sobre reações das crianças diante da punição. • Definição de extinção e situações em que deve ser utilizada. • Diferenciar de punição. • Apresentar efeitos imediatos e a longo prazo. • Explicar que a longo prazo o comportamento terá uma melhora, mas imediatamente piorará. • Apresentar videos para discussão. 	Escolher dois comportamentos inadequados para colocarem em extinção e registrar.
12 (26/04/16)	<ul style="list-style-type: none"> • Revisão dos temas: reforço, punição e extinção. 	<ul style="list-style-type: none"> • Revisar a tarefa sobre comportamentos inadequados colocados em extinção. • Deixar livre para dúvidas sobre reforço, punição e extinção. 	
13 (03/05/16)	<ul style="list-style-type: none"> • Pais dos pais 	<ul style="list-style-type: none"> • Relembrar educação que os cuidadores receberam de seus pais e compartilhar em grupo, comparando com a educação que dão aos seus filhos. 	
14 (10/05/16)	<ul style="list-style-type: none"> • Alimentação 	<ul style="list-style-type: none"> • Palestra com profissional de nutrição. 	Profissional enviou livro de receitas e tabela nutricional para que as mães pudessem estabelecer uma alimentação saudável para as crianças.
15 (17/05/16)	<ul style="list-style-type: none"> • Avaliação e encerramento 	<ul style="list-style-type: none"> • Revisão dos temas, esclarecimento de dúvidas e aplicação dos testes. 	

5.4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir dos relatos das mães durante as sessões, tarefas de casa e inventários respondidos pré e pós intervenção, pode-se avaliar as mudanças de comportamento, não apenas de seus filhos, mas também das próprias participantes. Para tal coleta de dados, além de gravações das sessões, foram utilizados os inventários: BAI – Inventário de Ansiedade de Beck; IEP – Inventário de Estilos

Parentais e Entrevista de Habilidades Sociais Educativas Parentais (HSEP). Apresenta-se a seguir a análise dos dados obtidos através de tais instrumentos.

Tabela 3 - Classificações da Escala Beck de ansiedade (BAI) nas avaliações pré e pós-intervenção.

Participante	Pré-intervenção	Pós-intervenção
DN	Mínimo	Leve
FS	Moderado	Moderado
LL	Leve	Leve
TS	Mínimo	Mínimo

A Tabela 3 apresenta os resultados da Escala Beck de Ansiedade (BAI, autor, ano), pré e pós-intervenção, de todas as participantes. O BAI é um instrumento que identifica sintomas de ansiedade, apresentando quatro classificações: mínimo, leve, moderado e grave. Pode-se observar na Tabela 3, que das quatro participantes, três mantiveram o mesmo nível de ansiedade (FS, LL e TS), entretanto, a participante TS estava sob medicação para ansiedade quando respondeu o BAI pós-intervenção. Observa-se ainda que houve aumento na classificação de ansiedade da participante DN. Tal aumento dos sintomas pode estar relacionado a outros fatores que não necessariamente a relação da mãe com a criança. Um exemplo pode ser a relação com seu marido, que em diversas sessões DN relatou ser um fator estressante. Por DN ter obtido maior conhecimento sobre as práticas educativas parentais positivas, começaram a existir conflito entre suas práticas parentais e de seu marido, o que lhe incomodava e gerava inconsistência do casal perante a criança, produzindo, provavelmente, maior ansiedade na participante.

Uma situação relatada por DN, sobre conflitos com o marido, se refere, por exemplo, a quando a criança estava brincando e o pai interferia na brincadeira, com a intenção de se inserir, mas fazendo-o de maneira invasiva e atrapalhando a brincadeira da criança. Diante da reclamação da criança por sua inserção na brincadeira, o marido de DN se ofendia e começava a retirar os brinquedos da criança, o que não estava de acordo com a forma de DN agir. A participante afirmava que o marido não a escutava e esta, por sua vez, não sabia como se portar diante desses conflitos sem tirar a autoridade do pai com a criança e se sentia

estressada.

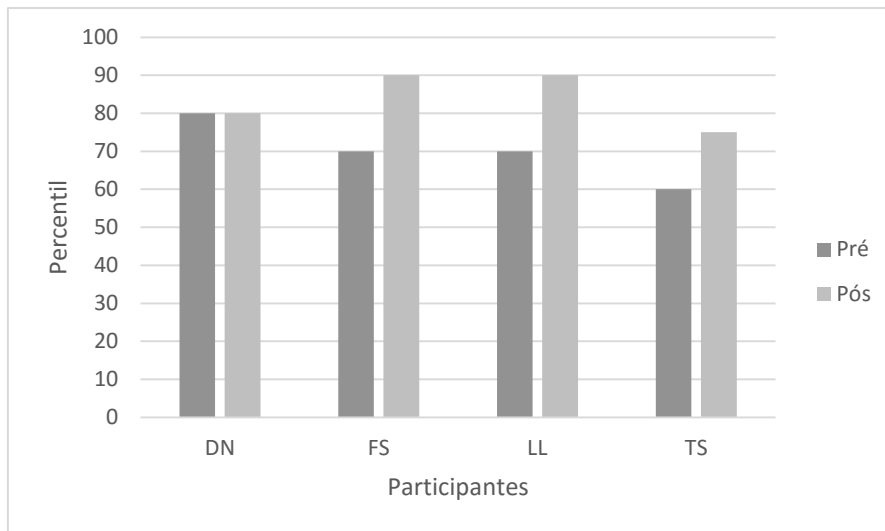


Figura 1 – Classificação do Inventário de Estilos Parentais (IEP) nas avaliações pré e pós-intervenção.

A Figura 1 apresenta os resultados dos estilos parentais obtidos através do Inventário de Estilos Parentais (IEP, autor, ano). Os índices do IEP podem variar de percentil 0 a 100, sendo que quanto mais próximo de 100, maior o uso de práticas positivas na educação da criança. Gomide (2006) classifica os estilos parentais em: Ótimo (percentil de 75 a 99); Regular, acima da média (percentil de 55 a 70); Regular, abaixo da média (percentil de 30 a 50); e de Risco (percentil abaixo de 25).

A partir dos dados apresentados na Figura 1, observa-se que DN manteve a classificação de estilo parental ótimo. As outras três participantes alteraram o nível de regular, acima da média para ótimo, indicando mais práticas parentais positivas do que negativas. Entretanto, o desempenho das mães observado no decorrer das sessões não corresponde a estilo parental ótimo. Uma das possíveis explicações para tal discrepância pode estar relacionado a uma inadequação do instrumento (IEP) à idade das crianças.

O instrumento descreve diversas situações que ainda não ocorrem na relação mãe-filhos, por conta da idade, e então as mães respondiam com base em como imaginavam que fariam caso vivenciassem uma situação semelhante, o que não necessariamente corresponde a como, de fato, reagiriam diante da situação. Os seguintes itens do inventário servem como exemplo: “se meu filho vai a uma festa,

somente quero saber se bebeu, fumou ou se estava com aquele grupo de maus elementos”, “se meu filho colar na prova, explico que é melhor tirar nota baixa do que enganar a professora ou a si mesmo”, “meu filho fica sozinho em casa a maior parte do tempo”, “aconselho meu filho a ler livros, revistas ou ver programas de TV que mostrem os efeitos negativos da droga”, entre outros. Tendo em vista que as crianças das participantes tinham entre 2 a 5 anos, a resposta a esses itens precisou ser hipotética, não descrevendo necessariamente comportamentos reais das mães.

A Entrevista de Habilidades Sociais Educativas Parentais (BOLSONI-SILVA, 2003) se refere a um questionário de 15 questões, que investigam relações familiares e as contingências envolvidas. Tendo em vista a extensão da entrevista e as restrições de espaço do presente relato, os dados apresentados neste relatório são os mais relevantes para a análise dos comportamentos das participantes.

Tabela 4 – Assuntos sobre os quais os cuidadores buscam conversar com seus filhos.

b) Quais são os assuntos das conversas?	Pré	Pós
Brincadeiras	3	3
Escola/estudo	4	3
Concepções de certo ou errado	4	4
Relacionamentos interpessoais	3	3
Outros	0	3

Conforme a tabela 4, houve variação dos assuntos abordados pelas participantes nas conversas com seus filhos e no teste pós-intervenção, três mães de um total de quatro, acrescentaram no campo ‘outros’, novos assuntos que tem feito parte do diálogo. FS na avaliação pós-intervenção, marcou ‘brincadeiras’ e ‘relacionamentos interpessoais’, além dos que já havia marcado na pré-intervenção e acrescentou no campo ‘outros’ os temas de religião e família. DN incluiu em ‘outros’ na pós-intervenção o tema de autopercepção do filho, buscando conversar com este sobre seus sentimentos em certas ocasiões em que o notava triste, ou até mesmo feliz. TS relata no campo ‘outros’ que começaram a conversar sobre acontecimentos do dia, sendo estes bons ou ruins.

Conforme Coelho e Murta (2007), o trabalho com os pais ou cuidadores de crianças está fundamentado na possibilidade de mudanças comportamentais favoráveis ao desenvolvimento de habilidades parentais. A respeito disto, os dados da presente pesquisa demonstram que após as sessões da Escola de Pais, as participantes buscaram estabelecer maior diálogo com seus filhos e estar atentas às necessidades e emoções destes, proporcionando maior abertura. Ainda a partir de

resultados obtidos no estudo das autoras, estas concluíram que o treinamento de pais, além de alterar a qualidade das relações pai-filho, tem influência também sobre o comportamento da criança. TS relata durante algumas sessões, ter percebido mudanças na comunicação com seu filho, pois uma de suas queixas se referia ao fato de seu filho mais velho (5 anos) não dialogar com ela. Ao final da Escola de Pais relatou:

TS: “Mudou bastante, aí acho também que entra um pouco o trabalho da psicóloga particular, mas ontem mesmo ele falou pra mim: ‘mãe dei um murro na barriga de um menino’, de quem ele apanhou já. E ele não falava, eu não sabia nem que ele apanhava, fiquei sabendo por que a mãe de outro colega contou. Então ele falou: eu contei (*para a professora*), a gente abraçou e eu pedi desculpa. Ele contextualizou o que aconteceu, que eram coisas que ele também não falava, então vira e mexe ele tá trazendo coisas da escola, da tia Rosa”.

Tabela 5 – Classes de respostas que filhos emitem e agradam os pais.

a) O que ele faz que você gosta?	Pré	Pós
É educado	3	4
É estudioso	0	2
É obediente	2	3
Procura ajudar	3	3
É amoroso/carinhoso/alegre	4	4
Cuida dos próprios objetos	1	1

Ao analisar a tabela 5, observa-se que todas as classes de respostas que agradam aos pais, permaneceram com mesma quantidade nas classes “procura ajudar”; “é amoroso/carinhoso/alegre” e “cuida dos próprios objetos” e aumentaram nas classes “é educado”; “é estudioso” e “é obediente”. Este dado pode ser interpretado como consequência de uma mudança de comportamento das cuidadoras, no que diz respeito ao oferecimento de condições que favoreçam a emissão de comportamentos adequados por parte dos filhos.

Alguns relatos das participantes demonstram que começaram a analisar melhor as contingências, ou seja, a analisar quais variáveis controlavam os comportamentos de seus filhos, para com isso, poder mudá-las e ajudar no estabelecimento de um novo repertório comportamental das crianças e modelagem de comportamentos:

DN: “Aquela coisa que sempre falei: se eu tiver bem, vai bem, se eu tiver mal, corre

o risco de não ir muito bem. E da gente conseguir se observar, perceber o que a gente tá fazendo, antecipar as coisas: se você sabe que ele vai ficar com fome, consegue adiantar, se não ele vai passar que nem a gente, que vai ficando com fome e vai ficando estressado. Agora algo que de verdade isso é meu, eu sempre acho que tô correndo atrás de alguma coisa, sabe aquele coelho da Alice? Eu sempre tô atrasada, sempre tô achando... sempre fui assim. Mas deu uma acalmada isso assim, sabe?! Porque a gente consegue colocar as coisas no tempo delas, né?! No contexto, numa antecipação das condições pras coisas acontecerem”.

FS: “No início achei muito difícil, principalmente a questão de diversos cuidadores. Cada um tá fazendo de um jeito, foi bem complicado, mas depois passando alguns textos, anotações, pro pessoal lá de casa, meu esposo, aí ficou bem mais tranquilo de aplicar uma coisa só pra M.A. (*filha*) e o entendimento dela. O que pode e o que não pode, colocar de forma mais simples, porque a gente colocava as coisas e deixava a cabecinha dela confusa e ela tá bem mais tranquila”.

LL: “Aquela coisa que a escola parental, a gente vem pra dar um jeito nos nossos filhos e sair daqui ajeitado, os cuidadores que precisam, né?! Eu como cuidadora precisava ter um ‘adestramento’ porque não estava sabendo direito como passar de uma forma clara, concisa e objetiva a mensagem do que espero do meu filho. Primeiro, estar oferecendo condições iniciais pra que ele pudesse ter aquele comportamento que eu digo que esperava dele. Mas se realmente espero, ofereço condições iniciais e isso foi muito importante pra mim, porque me implicou nesse trabalho, ao invés de ‘vamos consertar meu filho que deu defeito’”. [...] “a gente quer em nossos filhos uma projeção de uma perfeição e a gente se incomoda tanto quando eles escracham nossos defeitos, desorganização, estupidez quando a gente fala: ‘não filho, não é assim, é assado’, ele vai e repete com o amigo, com o outro e a gente fica: porque você tá fazendo isso? Adivinha? A questão de priorizar mesmo e a gente aprendendo colocar ele como prioridade, a gente lembra que não pode oferecer tempo de qualidade pra eles se não soubermos oferecer um tempo de qualidade pra nós mesmo, né?. Então vamos nos reeducando e vendo quais valores são importante pra gente, o que a gente realmente quer passar e o que a gente tá sendo capaz”.

TS: “Acho que mudou muito minha percepção, forma de ver as coisas, todo o processo. São 15 encontros e algumas coisas vem repetindo e é isso que faz realmente o processo. Então realmente tem que ser mais de vários encontros. [...] A forma de elogiar (*a criança*), observar, falar o que você quer e não o comportamento que você não quer, foi um processo pra mim de aprendizagem. Aqueles exercícios em casa era super importante. Às vezes eu não escrevia, mas que eu fazia, eu observava. [...] Assim, tive dificuldade de entender qual a diferença que tem entre dizer ‘se você não comer, não vai ter chocolate’ e ‘se você comer, vai ter chocolate’, não é a mesma coisa? Não, não é a mesma coisa. Então treinar isso, fazer perceber. Tive dificuldade e agora já consigo fazer [...] Que engraçado! Porque eu achava que tinha que ficar junto ali brincando o tempo inteiro com eles, porque eu não tava ali de dia, que era isso que eles precisavam e que por isso eles ficavam nervosos. Eles precisam de regras, limites, amor na medida certa e agora eles ficam brincando e eu posso fazer uma outra coisa e falo: agora estou fazendo isso, assim que terminar vou sentar e brincar com vocês e a gente conseguiu fazer isso”.

Ao adotarem novas estratégias, discutidas durante as sessões da Escola de

Pais, as participantes favoreceram a mudança de comportamento de suas crianças. Isso corrobora estudos da literatura que indicam menor ocorrência de problemas de comportamento tanto no contexto atual quanto em situações futuras da vida das crianças de pais que foram expostos a programas de orientação a pais (CHRONIS et al, 2004; COELHO & MURTA, 2007; PRINTZ et al, 2009; WEBSTER-STRATTON & HAMMOND, 1997).

Ao analisar estratégias de punição de comportamentos inadequados utilizadas pelas mães, apesar de não marcarem a opção “bater” na HSE-P, quando lhes foi questionado nas sessões, essa era uma estratégia frequentemente utilizada no início do acompanhamento em grupo. No estudo de Pinheiro et al. (2006), os pesquisadores concluíram que o treino de habilidades sociais educativas pode contribuir para que os pais desenvolvam práticas disciplinares não-coercitivas. Nas sessões finais da Escola de Pais, foi observado que ao adotarem práticas educativas positivas, houve uma redução a zero da utilização de punição física. Sobre isso, TS relata:

TS: “Palmada acabou da minha parte, extinguiu, não tenho mais vontade. Assim, nunca fui de bater muito, mas aconteceu algumas vezes e era uma coisa ruim pra mim. Mas agora nem tenho tido vontade, então acho que isso é uma mudança, porque tenho conseguido implementar outras formas de resolver isso antes de chegar no ponto que não aguento mais e dou uma palmada”.

Apesar de nos instrumentos utilizados nas avaliações pré e pós-intervenção não ter surgido indicações de mudanças, as mães relatam durante as sessões que observaram grandes mudanças no comportamento de seus filhos, corroborando com outros diversos estudos, que apontam para a relação das habilidades sociais educativas e práticas educativas parentais com o desenvolvimento de repertório comportamental dos filhos (BOLSONI-SILVA & MATURANO, 2008; LEME, BOLSONI-SILVA & CARRARA, 2009; PINHEIRO et al, 2006). Exemplos disso na Escola de Pais são as seguintes falas:

DN: “Na mudança de comportamento, né? De incluir, de dar mais atenção, ele acorda cantando, ele pede umas coisas diferentes, assim, que ele não faz outros dias, a gente vê que é bem reflexo da gente, né?!”

FS: “ser menos condescendente com alguns comportamentos dela, estabelecer regras mais claras e possíveis pra criança, como sentar na cadeirinha, comer

sozinha. Passei a elogiar mais os comportamentos dela e também perceber que não sou única educadora e deve haver uniformidade e unidade entre educadores, no sentido de todo mundo fazer a mesma coisa. No comportamento, a criança está mais calma pra sentar na cadeira, não dá mais aqueles escândalos. Ela já tá sentando pra comer e faz algumas colheradas sozinha. Ela come quase tudo sozinha, só no finalzinho pede pra eu ajudar. Agora percebe que gritar e chorar não vai resolver”.

TS: “Essa questão do almoço a gente avançou bastante, estabelecer horário, como e forma que tem que comer, o R. come sozinho, G. tá começando. Com relação a mudança dos meninos: muito grande. O G. quando vim pra cá, ele tava numas rebeldias de adolescente que me chocou. Que que é? É falta da mãe, que trabalha dia inteiro? Então assim, trabalho muito, fico cansada. Então é qualidade do tempo, prestar atenção. Ele mudou comportamento completamente, a gente conversou mais. Fez algumas birras, mas compreendeu e a gente tentou conversar. Então aquelas agressividades, que ele tava batendo o tempo inteiro, chegou a bater na babá, que foi o que me fez vir pra cá, de ficar: quero ir embora, essas coisas, isso não acontece mais. Ele fez aproximação com o pai também. Então assim, tá tentando se entender com o pai. Ele (filho) sofre é com ele (pai) e não fica fazendo toda aquela história com todo mundo, ele conversa com o pai. Não vestia a roupa sozinho porque sempre era tão rápido que eu não colocava ele pra vestir a roupa. Tá fazendo atividade melhor, porque essa questão dos reforços, elogios, melhorou muito. E o R. também automaticamente, porque via comportamentos do G. e tinha tendência pra repetir. Então briga entre eles era muito intensa. [...] Os dois melhoraram bastante”.

Feitas tais considerações, ainda que não haja indícios suficientes nos instrumentos utilizados, foi possível observar em seus relatos uma melhora nas práticas parentais das participantes, através do treinamento de habilidades sociais educativas, oferecido pela Escola de Pais.

Segundo Bolsoni-Silva (2011) a carência de habilidades sociais pode levar a práticas educativas negativas. Logo, o treinamento dessas habilidades favoreceriam uma melhor relação entre os cuidadores e filhos, a fim de propiciar um contexto favorável ao desenvolvimento saudável dessas crianças. Isto pode ser observado no presente estudo. Em suma, a partir de uma nova relação entre mães e filhos, na qual as participantes adotaram práticas educativas positivas, seus filhos apresentaram ampliação de seu repertório comportamental, como: comer e vestir-se sozinhos, pedir para ir ao banheiro, relacionar-se mais com outros cuidadores, realizar tarefas de casa passadas pela escola, arrumar os brinquedos, utilizar a cadeirinha, conversar com os progenitores, entre outros. E reduziram comportamentos inadequados, como: birras, agressões físicas com familiares e colegas, xingamentos, entre outros.

No decorrer das sessões foi observada dificuldades das mães de estabelecerem novas classes comportamentais no repertório de suas crianças. O treino ao toalete para algumas crianças e o alimentar-se de forma independente para outras, com o reforçamento de aproximações sucessivas ao objetivo final, por exemplo, foi bastante desafiador para as mães. Foi observada impaciência, desejo que a criança aprendesse na primeira ou segunda tentativa, irritações com sujeiras nas roupas ou na mesa, etc. Foram realizadas sessões com esse foco e partes de sessões com discussão a respeito da modelagem desses comportamentos e de como ocorre o processo de aprendizagem. Tendo em vista tais desafios específicos dessa faixa etária, a realização de programas de intervenção a pais que tenham espaço e tempo suficiente para o acompanhamento mais próximo dessas mudanças, talvez seja interessante. Há programas de orientação a pais de diferentes durações. Ribeiro et al (2013) realizou um levantamento de programas de orientação a pais brasileiros e estrangeiros e observou variação de duração em 6 a 22 sessões. O estudo de Bolsoni-Silva e outros (2008) trabalhou com 30 sessões, sendo algumas em grupo e outras individuais. Sugere-se, portanto, para estudos posteriores, que seja ampliado o número de sessões realizadas para um programa que atenda pais de crianças na faixa etária de 0 a 5 anos.

6. Considerações finais

A presente pesquisa teve como objetivos: (a) avaliar as práticas educativas, a interação familiar e estilos parentais das famílias participantes, antes e após a aplicação de sessões de treinamento sobre aspectos relacionados à educação de bebês e crianças; (b) realizar sessões de treinamento para pais utilizando os conceitos de Princípios da Aprendizagem, os quais incluem definição de interação, definição de comportamentos adequados e inadequados, definição de ambiente, pais como ambiente social da criança, regras, reforçamento, punição e extinção de comportamentos e (c) realizar sessões de treinamento para pais enfocando temas como treino ao toalete, banho e higiene pessoal, aquisição de linguagem, socialização, experiência inicial em creches e escolas, alimentação, dificuldades no sono, entre outros.

Foram realizadas sessões semanais durante o período de 15 semanas, com duração de duas horas, abordando temas de práticas educativas e habilidades sociais parentais, sendo a primeira e última sessões utilizadas para testes pré e pós-

intervenção.

Foi observado que ao utilizarem práticas educativas positivas, as participantes notaram a ampliação do repertório comportamental de seus filhos e extinção de comportamentos inadequados. Sugere-se que em próximos grupos, seja utilizado instrumento mais adequado para a faixa etária de 0 a 5 anos e realizado um número maior de sessões, pois crianças dessa faixa etária parecem precisar de um tempo maior para a modelagem de seus comportamentos.

7. Referências

BECK, Aaron Temkin et. al. An inventory for measuring clinical anxiety: psychometric properties. **Journal of Consulting and Clinical Psychology**, Filadélfia, v. 56, n. 6, p. 893-897, dez 1988.

BOLSONI-SILVA, Alessandra Turini. Intervenção em grupo para pais: descrição de procedimento. **Temas em Psicologia**, Ribeirão Preto, v. 15 n.2, p. 217-235, dez 2007.

_____. **Habilidades Sociais Educativas, variáveis contextuais e problemas de comportamento: comparando pais e mães de pré-escolares.** Tese de Doutorado. Ribeirão Preto: Universidade de São Paulo, 2003.

_____.; SALINA-BRANDÃO, Alessandra; VERSUTI-STOQUE, Fabiana Maris; ROSIN-PINOLA, Andréa Regina. Avaliação de um Programa de Intervenção de Habilidades Sociais Educativas Parentais: Um Estudo-Piloto. **Psicologia: ciência e profissão**, Brasília, v. 28, n. 1, p. 18-33, 2008.

_____.; MARTURANO, Edna Maria. Habilidades sociais educativas parentais e problemas de comportamento: Comparando pais e mães de pré-escolares. **Aletheia**, Canoas, v. 27 n.1, p. 126-138. jun 2008.

_____.; LOUREIRO, Sônia Regina. Práticas educativas parentais e repertório comportamental infantil: comparando crianças diferenciadas pelo comportamento. **Paideia**, Ribeirão Preto, v.21 .48, p. 61-71. jan/abr 2011.

COELHO, Maria. Velasco; MURTA, Sheila Giardini. Treinamento de pais em grupo: um relato de experiência. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 24, n.3, p. 333-341, jul/set 2007.

CHRONIS, Andrea M.; CHACKO, Anil; Fabiano, GREGORY A.; WYMBS, Brian T.; PELHAM, William E. Enhancements to the Behavioral Parent Training Paradigm for Families of Children with ADHD: Review and Future Directions. **Clinical and Family Psychology Review**, v. 7, n. 1, p. 1-27.

DEL PRETTE, Almir; DEL PRETTE, Zilda. Aparecida Pereira. **Psicologia das relações interpessoais: Vivências para o trabalho em grupo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

_____. Um sistema de categorias de habilidades sociais educativas. **Paideia**, Ribeirão Preto v.18, n.41, p. 517-530, set/dez 2008.

DRUCKERMAN, Pamela. **Crianças francesas não fazem manha**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013

GOMIDE, Paula Inez Cunha. **Pais presentes, pais ausentes**. Petrópolis: Vozes, 2004.

_____.; SAMPAIO, Izabela Tissot Antunes. Inventário de estilos parentais (IEP) – Gomide (2006) percurso de padronização e normatização. **Psicologia Argumento**, Curitiba, v. 25, n. 48, p. 15-26, jan-mar, 2007.

KAZDIN, Alan Edward. **O método Kazdin: Como educar crianças difíceis**. São Paulo: Novo Século, 2010.

KUHN, Brett; BORGENICHT, Joe. **Crianças de 1 a 3 anos: manual do proprietário**. São Paulo: Editora Gente, 2007.

LEME, Vanessa Barbosa Romera; BOLSONI-SILVA, Alessandra Turini; CARRARA, Kester. Uma análise comportamentalista de relatos verbais e práticas educativas parentais: alcance e limites. **Paideia**, Ribeirão Preto, v. 19, n. 43, p. 239-247 mai/ago 2009.

MARIN, Angela Helena. **Estabilidade e mudança nas práticas educativas maternas e paternas ao longo dos anos pré-escolares e sua relação com a competência social infantil** (Tese de Doutorado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, mar 2009. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/>

MARSH, Eric J.; GRAHAM, Susan A. Classificação e tratamento da psicopatologia infantil. In: CABALLO, Vicente E.; SIMÓN, Miguel Ángel (Organizadores), **Manual de psicologia clínica infantil e do adolescente: transtornos gerais**. São Paulo: Livraria Santos Editora, 2005. Cap 1, p. 29-56.

PINHEIRO, Maria Isabel Santos et.al, Treinamento de habilidades sociais educativas para pais de crianças com problemas de comportamento. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 19 n.3, p. 407-414. 2006.

PRINZ, Ronald J.; SANDERS, Matthew R.; SHAPIRO, Cheri J.; WHITAKER, Daniel J.; LUTZKER, John R. Population-based prevention of child maltreatment: The U.S. triple P system population trial. **Prevention Science**, v. 10, n. 1, Mar 2009, p. 1-12.

RIBEIRO, Michela Rodrigues; BOHRER, João Pedro Santos de Athayde; VILLAS BÔAS, Adriana Haas. **Revisão Sistemática da Literatura sobre Programas de**

Treinamento para Pais. Trabalho apresentado no XXXIV Congresso Interamericano de Psicologia, Brasília-DF-Brasil, 2013.

ROCHA, Giovana V. Munhoz. Interação pais e filhos: A observação como instrumento para identificar práticas parentais. In. BRANDÃO M. Z. S; CONTE, F. C. S.; BRANDÃO, F. S.; INGBERMAN, Y. K.; MOURA, C. B.; SILVA, C. B.; OLIANE, C. B. (Organizadores.), **Sobre Comportamento e Cognição**: Vol. 11. A história e os avanços, a seleção por conseqüências em ação. (p. 527-541). Santo André: Esetec, 2003.

WEBSTER-STRATTON, C.; HAMMOND, M. (1997). Treating children with early-onset conduct problems: A comparison of child and parent training interventions. **Journal of Clinical Child Psychology**, v. 65, p. 93-109.